



## **Análise da dinâmica socioeconômica das mesorregiões do Sul do Brasil**

**Gabriela Gomes Mantovani  
Karla Tyskowski Teodoro Rodrigues  
Eliane Aparecida Gracioli Rodrigues**

**Resumo:** O artigo teve como objetivo analisar a dinâmica econômica e produtiva das mesorregiões da região Sul do Brasil. Foram usados dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os anos de 2000 e 2010, e empregos por meio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para 2007 e 2017. Os dados mostraram que as mesorregiões têm uma dinâmica produtiva e social heterogênea e também complementar entre mesorregião e intra estados. Nas regiões mais dinâmicas está associada aos setores de serviço e indústria, em especial, destaca-se o segmento agroindustrial como dinamizador comum das mesorregiões nos três estados avaliados.

**Palavras-Chave:** Dinâmica produtiva. Mesorregiões. Região Sul. Brasil.

### **1 INTRODUÇÃO**

O Brasil é constituído por heterogeneidades sociais, culturais, de renda, de estruturas produtivas e regionais, assim, estas particularidades afetam o bem estar da sociedade, de modo que algumas regiões são mais dinâmicas quando comparadas a outras. Tais diferenças podem estar centradas em diversos níveis, pois as disparidades não necessariamente encontram-se nas grandes regiões do país, mas do mesmo modo se localizam entre os estados ou ainda dentro destes (GOTARDO, 2015).

Em vista das particularidades marcantes que afetam o desempenho econômico e a dinâmica de cada região, tal assunto merece reconhecimento e importância para que possam aprofundar e entender as desigualdades regionais. Pesquisas sobre diferenças regionais defrontam-se com diversas limitações, tais como o conceito de região, a limitação na obtenção de dados que possam representar um conjunto de regiões ou, ainda, pelos resultados que não representam a realidade que é observada (LIMA, 2011).

A multiplicidade de definições de região é perceptível após intenso debate, algumas abordagens se baseiam como uma organização resultante do processo capitalista, outras se respaldam nos aspectos culturais da população local, ou ainda pelas interações sociais. A região não deve ser conhecida como algo físico, mas por meio de um processo de regionalização, isto é, mudanças que ocorrem em determinado espaço físico (ALVES, 2016).



Os atributos populacionais, econômicos, sociais e políticos estão correlacionados com o desempenho do crescimento e desenvolvimento local. Estas características impactam diretamente no modo produtivo de cada mesorregião transformando-a. Desse modo é explícita a necessidade de estudos e projetos com o intuito de observar as fragilidades presentes nas regiões que devem ser alvo de política pública.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a dinâmica socioeconômica das mesorregiões nos estados pertencentes à região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Ao destacar-se as atividades mais representativas das mesorregiões sulistas se pode identificar as potencialidades destas regiões bem como as contribuições de irradiação em atividades que levam ao processo de desenvolvimento socioeconômico do seu entorno.

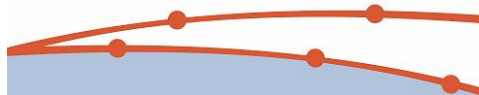
O texto divide-se em cinco seções, além desta parte introdutória na segunda expõem-se os procedimentos metodológicos e na terceira apresentam-se os principais conceitos norteadores da pesquisa e algumas características socioeconômicas das mesorregiões. Na seção quatro examinam-se as transformações na sua dinâmica produtiva que impactaram no desenvolvimento econômico das mesorregiões e que as distinguiu, e por fim, são apresentadas as conclusões que sumarizam a investigação desta pesquisa.

## **2 PRODECIMENTOS METODOLÓGICOS**

Os procedimentos metodológicos estão relacionados à pesquisa bibliográfica e as fontes de dados utilizadas foram as informações divulgadas pelos Censos Demográficos realizados em 2000 e 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Complementadas por dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), além de dados obtidos pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para os anos de 2007 e 2017.

As variáveis selecionadas para esta pesquisa foram população total, densidade demográfica (habitantes/km<sup>2</sup>), PIB *per capita*, grau de urbanização, Valores Adicionados para os setores da agricultura, indústria e serviços e no tocante ao mercado de trabalho, selecionou-se o número de empregos, número de estabelecimentos e o valor do rendimento médio (salário mínimo).

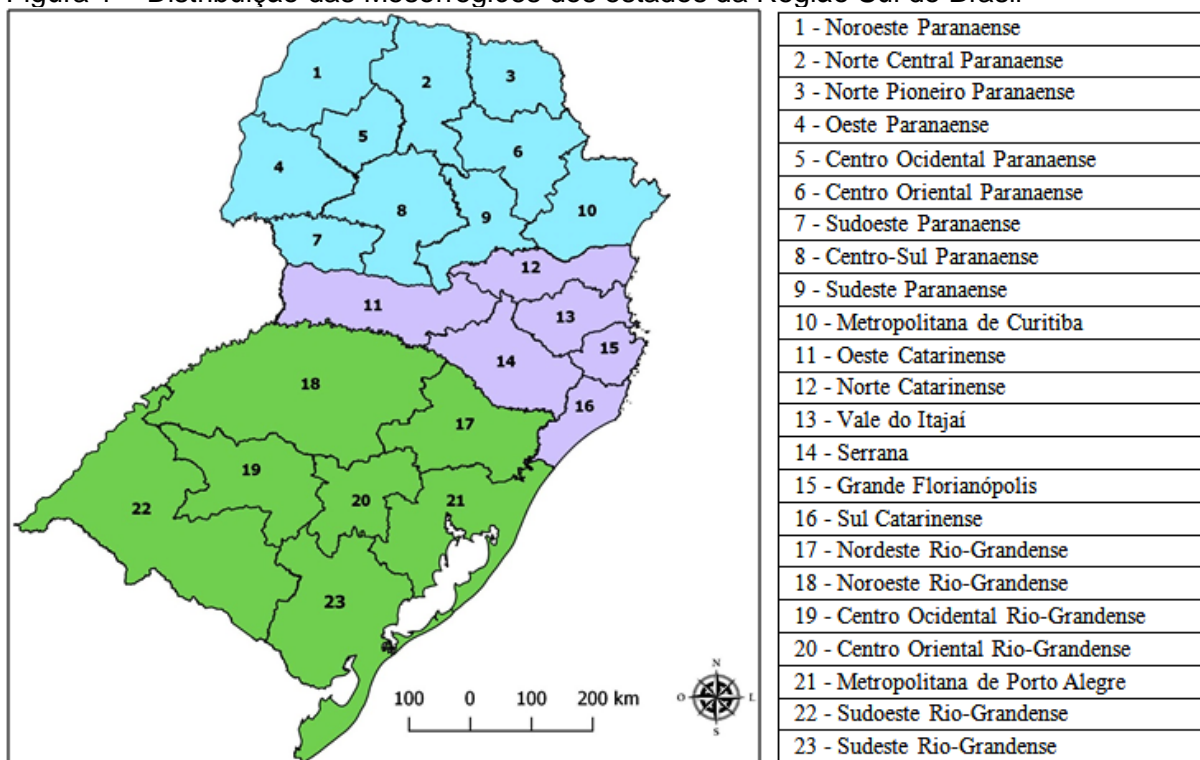
Em um primeiro momento, examinaram-se as características socioeconômicas além do mercado de trabalho com a finalidade de observar as diferenças entre as mesorregiões.



Posteriormente foram analisados os Valores Adicionados para os setores econômicos contrastando com a bibliografia estudada, demonstrando quais mesorregiões possuem maior dinamicidade. Os resultados foram apresentados em mapas e gráficos.

A divisão usada para análise das mesorregiões sulistas foi definida pelo IBGE. Estas reúnem um conjunto de municípios de acordo com suas similaridades econômicas e sociais em determinada área geográfica. Na Figura 1 demonstra-se como são distribuídas as 23 mesorregiões dos três estados do Sul do Brasil.

Figura 1 – Distribuição das Mesorregiões dos estados da Região Sul do Brasil



Fonte: IBGE.

O território correspondente ao Paraná está dividido em 10 mesorregiões que contém 399 municípios, Santa Catarina é composta por 6 mesorregiões e 295 municípios em sua totalidade e, por fim, o Rio Grande do Sul agrupa 7 mesorregiões em 497 municípios.

### 3 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E AS MESORREGIÕES DO SUL DO BRASIL

O desenvolvimento das regiões segue padrões individuais de sua dinâmica, desta maneira é importante destacar muitas vezes suas peculiaridades locais para que exista um



desenvolvimento para acentuado e contínuo. Segundo Perroux (1977) o crescimento e desenvolvimento não são processos simultâneos ou idênticos nas regiões, propagam-se com intensidades e temporalidades diferentes, gerando pontos de crescimento sendo conhecidos como “polos de crescimento”. O polo passa a ser um centro econômico da região, influenciando a região em seu entorno, coordenando e direcionando a economia da área de influência. Assim, o desenvolvimento passa a ser desequilibrado, concentrando as atividades em locais que a atividade econômica origina-se.

Hirschman (1961) conceitua desenvolvimento como um processo cumulativo ao longo do tempo, considera a ocorrência de eventos que impulsionam o processo de acumulação resultando na industrialização de uma região. Assim, é necessário descobrir o elemento chave que provoca tal crescimento local, pois é por meio deste a ocorrência de sucessivas tentativas e estímulos que resulta em uma área dinâmica (HIRSCHMAN, 1961; WILLERS, 2016).

O desenvolvimento regional apresenta aspecto multidimensional, e tem como fundamento a mudança estrutural nas economias que estão em processo de industrialização, enquanto o crescimento da região é uma consequência da mudança desta estrutura (WILLERS, 2016). Assim, são processos diferentes que ao mesmo tempo complementam-se, sendo que o crescimento é condição necessária para que ocorra o desenvolvimento.

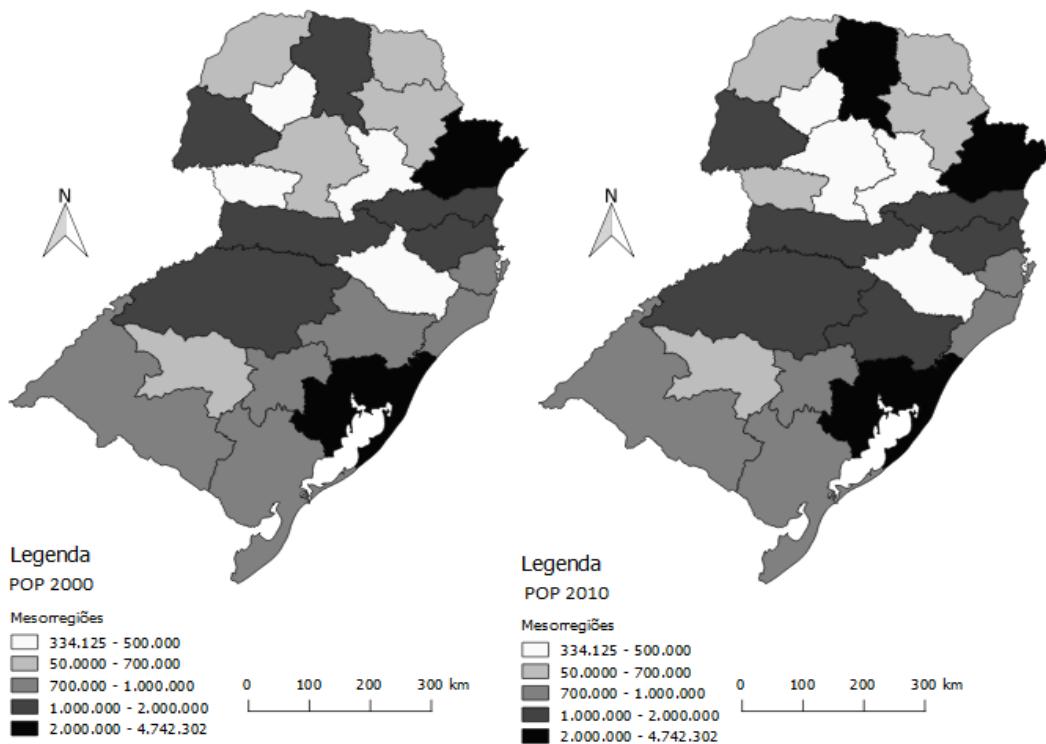
Rammé (2011) argumenta que cada espaço detém particularidades devido a sua configuração cultural, social, econômica, espacial e também territorial, envolvendo variáveis econômicas e não econômicas. Entende-se assim que as regiões possuem temporalidades diferentes e são influenciadas por ritmos e intensidades de crescimento e desenvolvimento distintos. Niederle e Guilardi (2013) confirmam as especializações das regiões que foram construídas por suas histórias econômicas, ou seja, elementos que interferem no modo de produção, organização e comercialização, e refletem ainda em divergentes condições sociais.

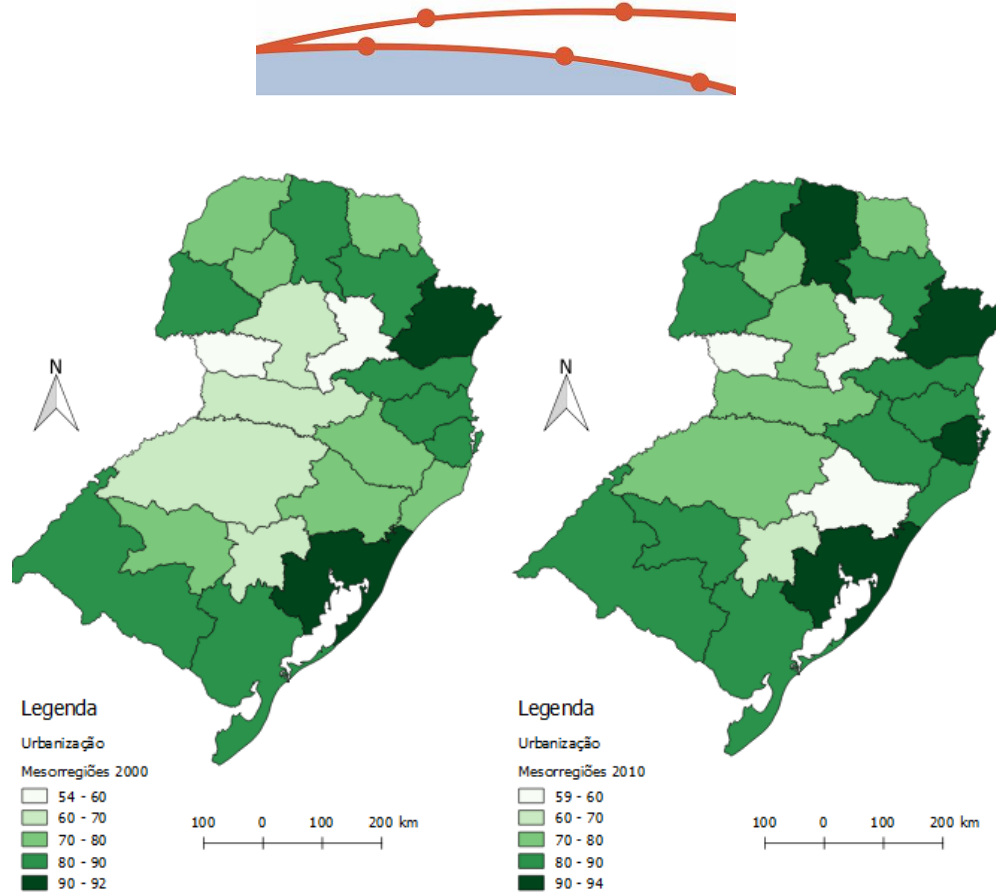
Fatores como o modo de produção, a relevância de investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e o desenvolvimento do capital humano e suas competências, são elementos que definem o crescimento econômico de uma região no longo prazo, além de determinar quais possibilidades de transformar o processo de crescimento em desenvolvimento (HADDAD, 2009).

### 3.1 Características socioeconômicas das mesorregiões do Sul do Brasil

Para compreender a dinâmica das mesorregiões, se faz necessário considerar como eram compostas algumas características sociais e econômicas dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul nos anos de 2000 e 2010. Assim, na Figura 2 apresenta-se os dados da população total e taxa de urbanização.

Figura 2 – População total e taxa de urbanização das mesorregiões dos estados da Região Sul do Brasil (2000-2010)





Fonte: IBGE. Censos demográficos de 2000 e 2010.

Para isto, a Figura 2 mostra que em ambos os anos a população se distribuiu nas mesorregiões de forma heterogênea, particularmente em 2010, 33% da população paranaense residem na Região Metropolitana de Curitiba em contrapondo apenas 3% no Centro-Ocidental Paranaense.

Situações similares foram encontradas em Santa Catarina, a região que comporta maior porcentagem da população é o Vale do Itajaí com 24% em contraste com a Serrana (7%). Já no estado do Rio Grande do Sul, nota-se que a população está concentrada na mesorregião Metropolitana de Porto Alegre (44%) e com menor população tem-se o Centro Ocidental Rio-Grandense (5%).

No Paraná, o maior grau de urbanização (Figura 2) corresponde a Região Metropolitana de Curitiba (92%), em contraposição a mesorregião com menor urbanização é a Sudeste (54% no ano de 2000 e 59% em 2010). No estado de Santa Catarina a maior urbanização é verificada na Grande Florianópolis (90% em 2000 e 92% em 2010) e a menor encontra-se no Oeste Catarinense (63% e 72%, respectivamente). Já no Rio Grande do Sul a área mais urbanizada é a região Metropolitana de Porto Alegre (superior a 90% em ambos



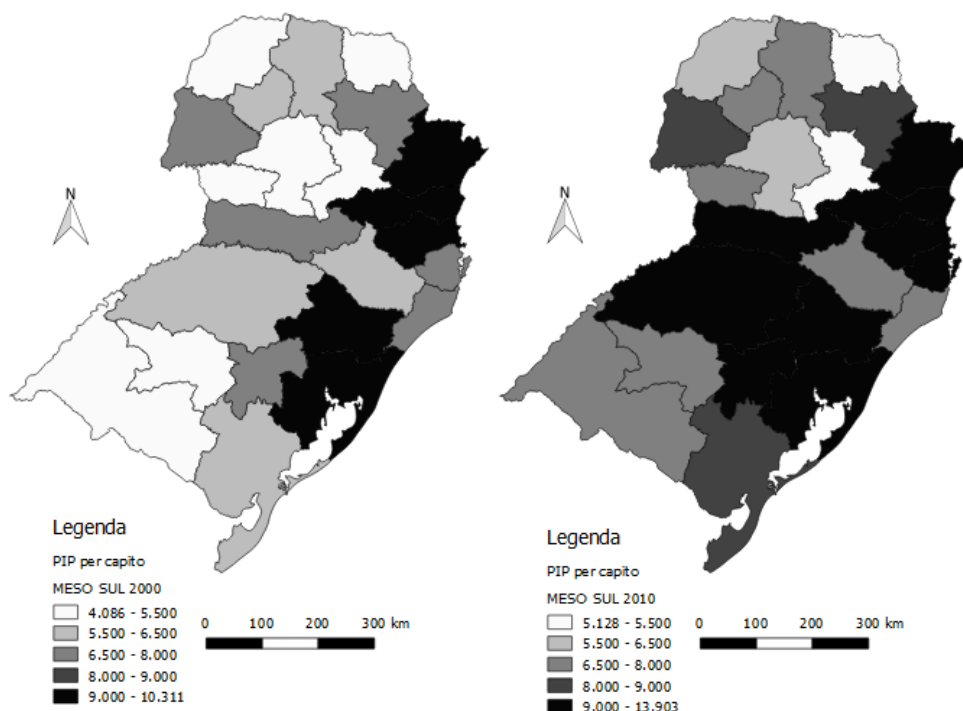
os anos) e a que possui taxa inferior é a mesorregião Noroeste Rio-Grandense (65% em 2000 e 71% em 2010)

Observa-se que em ambos os estados às regiões metropolitanas concentram a maior urbanização. Em relação à distribuição populacional os dados demonstram que houve mudanças entre os anos avaliados, destacando-se o Paraná como estado que teve maiores modificações, ressalta-se a mesorregião Norte Central Paranaense que em 2010 alcançou um grau de urbanização do mesmo padrão das regiões metropolitana, em contraste, o centro do estado mostrou um esvaziamento. As mesorregiões Sudeste Paranaense e Nordeste Rio-Grandense, mostraram particularidades em relação à população e a urbanização, ambas tiveram aumento de população, todavia, a mesorregião gaúcha mostrou redução na taxa de urbanização. A Mesorregião Oeste Catarinense aumentou a sua urbanização, outra peculiaridade de Santa Catarina é que a Mesorregião mais populosa não é a região metropolitana e sim a Mesorregião do Vale do Itajaí.

Os valores do PIB *per capita* apresentados na Figura 3 representam a produção econômica de determinada região em relação a sua massa populacional. Cabe destacar que as mesorregiões: Metropolitana de Curitiba, Norte Catarinense e Nordeste Rio-Grandense, que exibiram os maiores valores, superior a R\$9000,00, para os anos de 2000 e 2010. O PIB *per capita* das demais regiões é inferior, quando comparadas às mesorregiões já mencionadas, como são os casos do Norte Pioneiro e Sudoeste Rio-Grandense em 2000 e Sudeste Paranaense e Centro Ocidental Rio-Grandense em 2010.



Figura 3 – PIB *per capita* das mesorregiões dos estados da Região Sul do Brasil (2000-2010)



Fonte: IBGE. Censos demográficos de 2000 e 2010.  
 Nota: PIB *per capita* a preços constantes - R\$, a preços do ano 2000.

Observa-se que o PIB *per capita* dos três estados teve modificações entre os anos de 2000 e 2010, com aumento do PIB nas mesorregiões, com destaque para o estado do Paraná que apresentou uma exceção em duas regiões, Norte Pioneiro e Sudeste Paranaense, que não apresentaram aumento de PIB. No Rio Grande do Sul, as mesorregiões do sul do estado, tidas como de menor desenvolvimento, tiveram discreto aumento de PIB. Outro aspecto importante é a formação de uma grande região de alto PIB que integra as regiões metropolitanas de Porto Alegre e Curitiba, fazendo o encadeamento pelas mesorregiões Nordeste e Noroeste Rio-Grandense no Rio Grande do Sul, conectando-se com as mesorregiões Oeste Catarinense, Norte Catarinense e Grande Florianópolis e com Sudeste Paranaense.

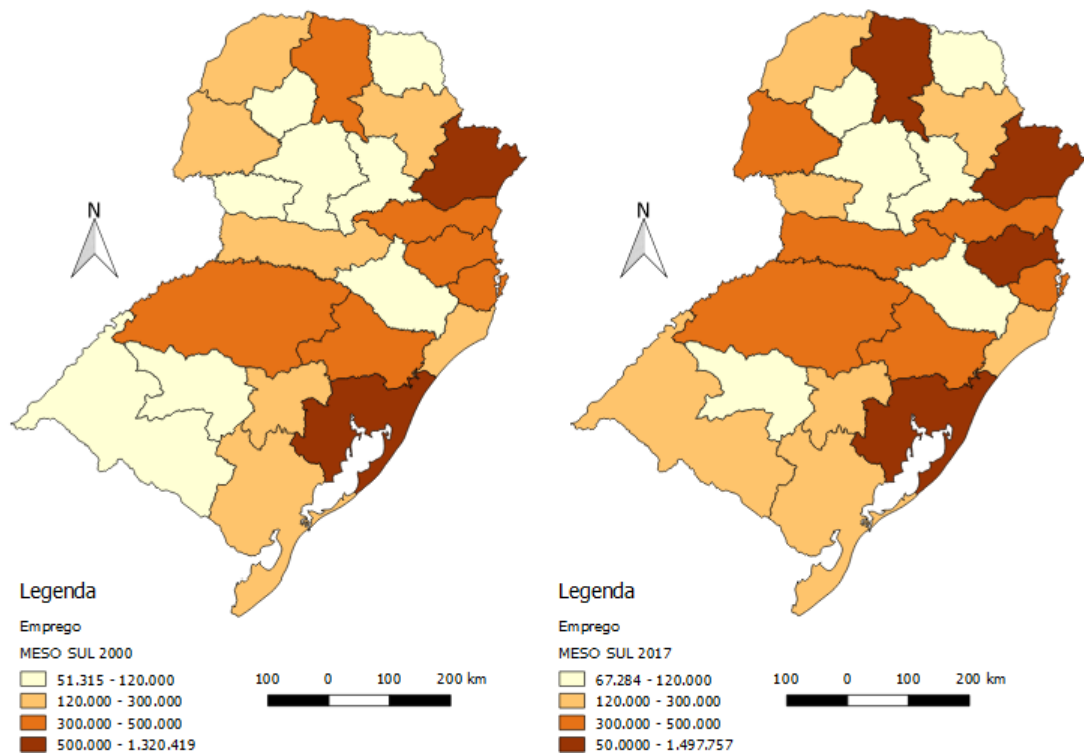




### 3.2 Características do mercado de trabalho das mesorregiões do Sul do Brasil

Os atributos das mesorregiões com referência ao mercado de trabalho mediante dados da RAIS para os anos de 2007 e 2017 são apresentados nas Figuras 4 e 5.

Figura 4 – Número de empregos e de estabelecimentos no setor formal das mesorregiões dos estados da Região Sul do Brasil (2007-2017)

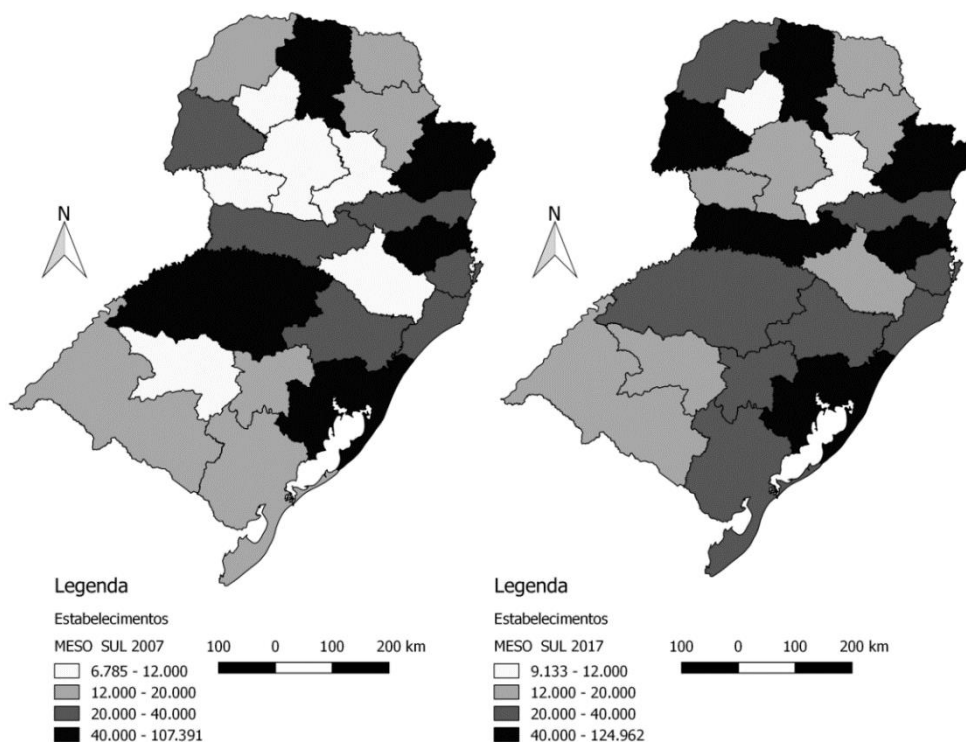


2019

IX Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Processos, Políticas  
e Transformações  
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



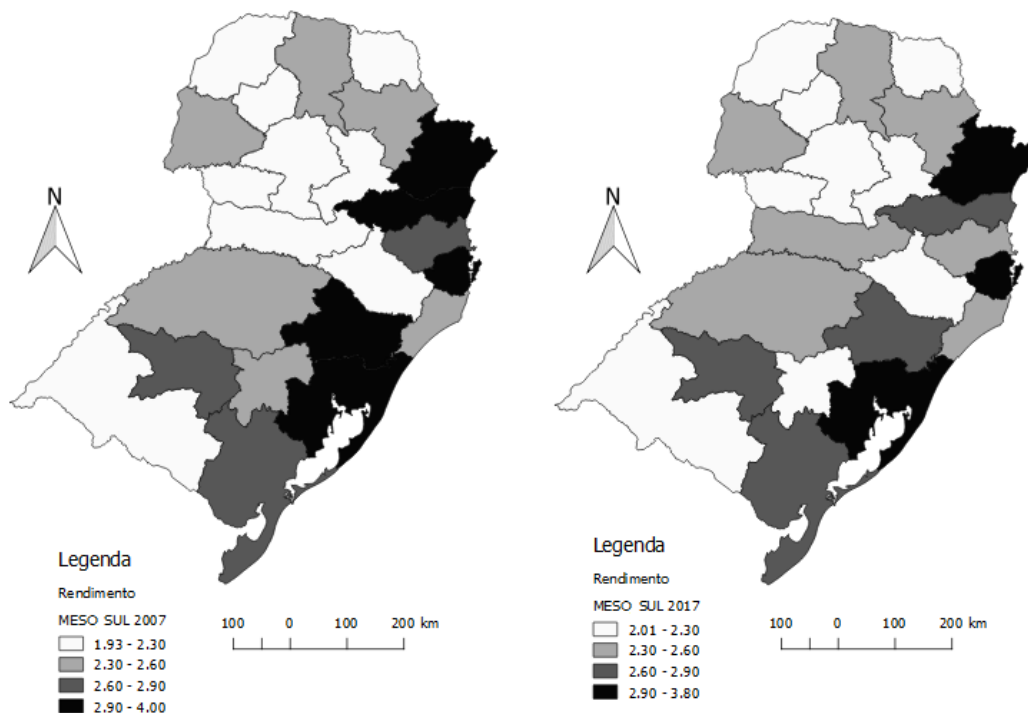
Fonte: RAIS 2007 e 2017.

Com relação ao estado do Paraná é perceptível a magnitude da mesorregião Metropolitana de Curitiba, definida com os maiores números de empregos formais (45% em 2007 e 42% em 2017) e estabelecimentos (mais de 30% para ambos os anos), além de apresentar maior nível de rendimento médio mensal. No outro extremo encontra-se o Sudeste, responsável por apenas 2%, tanto em 2007 quanto em 2017, do emprego formal do estado, 3% do número de estabelecimentos para ambos os anos, embora a menor remuneração média mensal corresponda ao Norte Pioneiro.

Em Santa Catarina, a mesorregião do Vale do Itajaí possui vínculos empregatícios formais e números de estabelecimentos superiores (26% e 28% no ano 2000 e 2017, respectivamente) comparado ao das outras mesorregiões, contudo a maior remuneração média mensal pertence à Grande Florianópolis. No oposto, tem-se a Serrana com os menores números de empregos formais (de 5% em 2007 para 4% em 2017), números de

estabelecimentos (de 6% em 2007 para 5% em 2017), somado ao menor rendimento médio mensal (Figuras 4 e 5).

Figura 5 – Rendimento médio no setor formal das mesorregiões dos estados da Região Sul do Brasil (2007-2017)



Fonte: RAIS 2007 e 2017.

Assim como Santa Catarina, no estado do Rio Grande do Sul, apenas uma mesorregião apresenta supremacia em relação às outras, a Metropolitana de Porto Alegre (Figuras 4 e 5). Tal região comporta os mais elevados percentuais de empregos formais (54% em 2007 e 52% em 2017) e número de estabelecimentos (44% e 45%, nessa ordem), além da remuneração média mensal. Contrastando, tem-se o Centro Ocidental com menor número de empregos no setor formal (3% em 2007 e 4% em 2017) e de estabelecimentos (5% para ambos os anos), apesar de que o Sudoeste possui remuneração média mensal inferior de todo o estado.



Nota-se pequena queda na participação relativa do número de vínculos empregatícios e de estabelecimentos das mesorregiões de Curitiba e Porto Alegre. Tal declínio é compensado pelo aumento da participação de outras mesorregiões nestas duas variáveis, como o Oeste Paranaense e Noroeste Rio-Grandense.

#### **4 DINÂMICA ECONÔMICA DAS MESORREGIÕES SULISTAS**

Os indicativos da seção anterior demonstraram disparidades entre os estados e dentro dos próprios, em que cada mesorregião contém características particulares. Diante destas constatações, complementou-se a análise com o enfoque individual de cada mesorregião selecionada condicionada aos setores produtivos. Inicialmente, os Gráficos 1, 2 e 3 demonstram os Valores Adicionados de cada setor da economia – agricultura, indústria e serviços – correspondendo ao que cada setor soma ao valor final de tudo que foi produzido em determinada região, no caso, de cada mesorregião. Assim, é possível entender o processo de desenvolvimento de cada estado e da Região Sul como todo.

Nota-se que os Valores Adicionados em 2000 e 2010 (Gráfico 1) para agricultura foram superiores para o Oeste Paranaense (R\$ 0,995 milhão em 2000 e R\$ 1,117 milhões em 2010) e os segundos maiores para o setor industrial (R\$ 3,134 e R\$ 3,460 milhões, nesta ordem). Distinguida por ser uma região agroindustrial, com altas taxas de crescimento e densidade populacional, sedia três cidades polos, sendo elas: Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, que compõem grande parte da população dessa mesorregião (MOURA E KLEINKE, 1999).

A partir da década de 1980, a indústria do Oeste direcionou sua dinâmica para o agronegócio cooperativado, contanto atualmente com o maior número de agroindústrias cooperativadas no Paraná, como exemplos a Coopavel e Copacol (IPARDES, 2004c). Organizada pelo agronegócio cooperativado sustenta grandes ganhos no setor primário (as principais cadeias produtivas estão concentradas na produção de soja, milho e na criação de bovinos e suínos). Embora focada na agroindústria, o processo de industrialização se fortalece à medida que a indústria de alimentos produz novos produtos e mais elaborados para o consumidor final (IPARDES, 2004c).

2019

IX Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Processos, Políticas  
e Transformações  
Territoriais

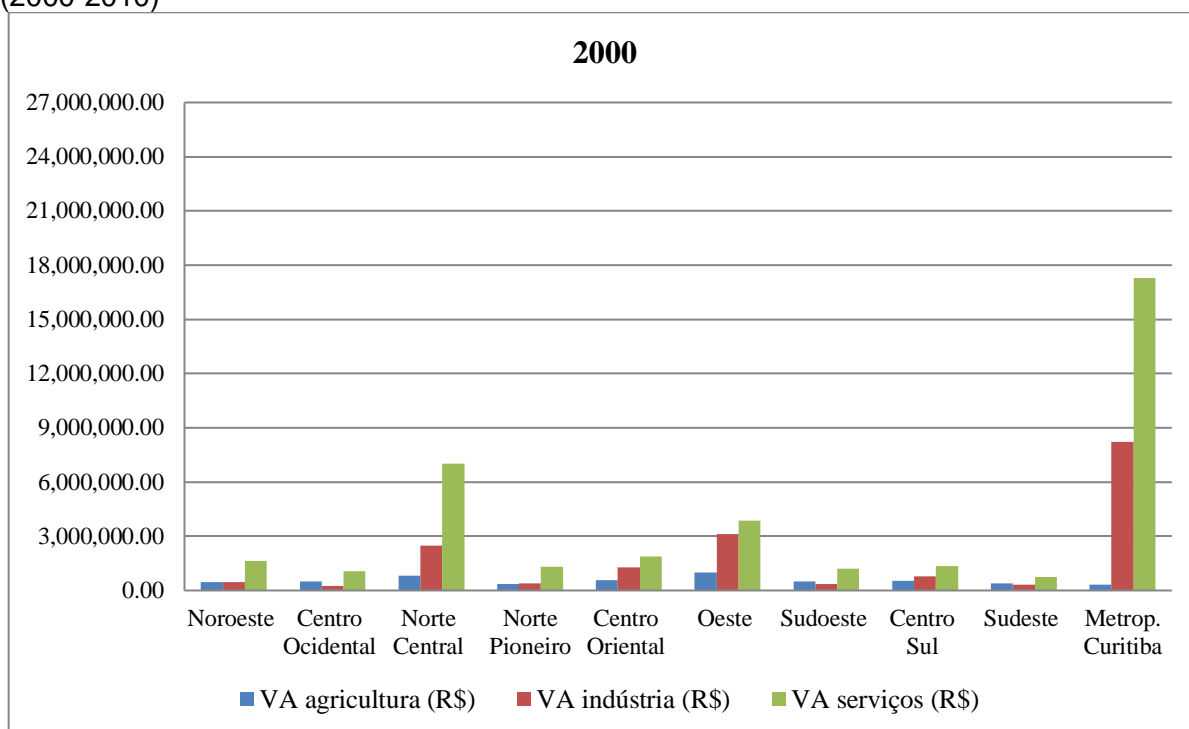
Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



Gráfico 1 – Valor adicionado da agricultura, indústria e serviços das mesorregiões do Paraná (2000-2010)

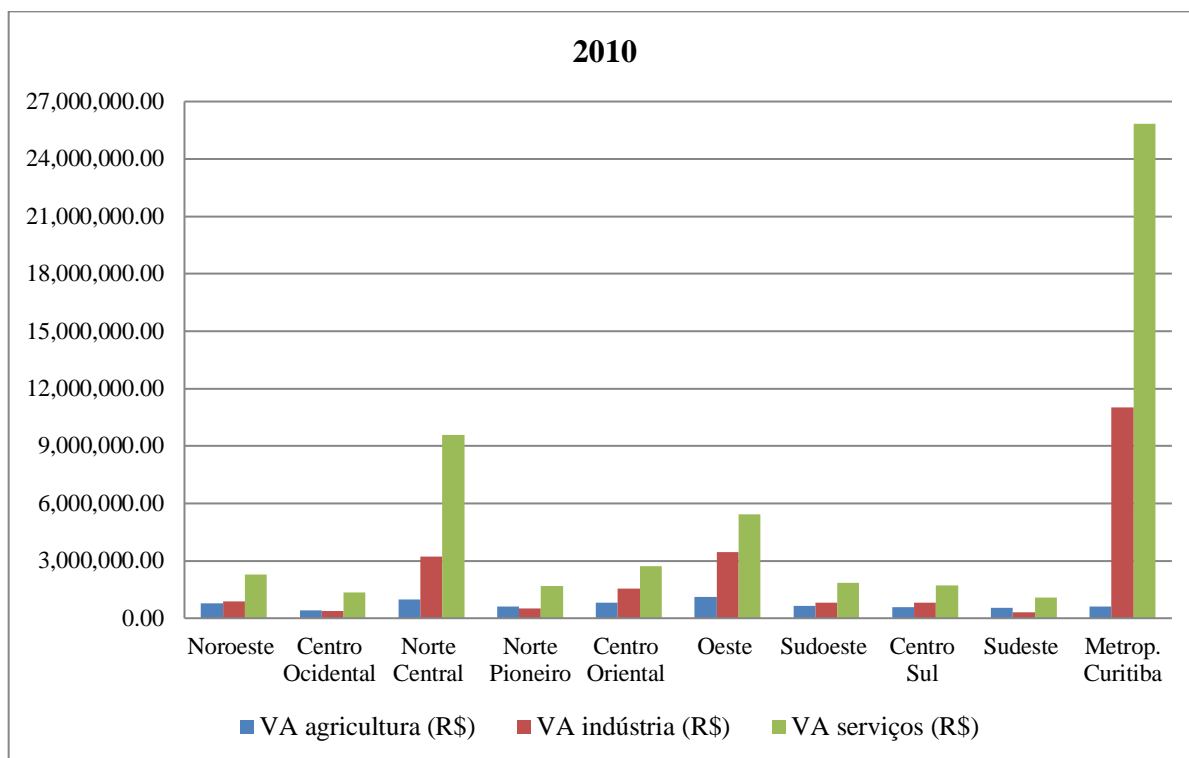


2019

IX Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Processos, Políticas  
e Transformações  
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Nota: Valor adicionado bruto – preços básicos – preços (R\$) do ano de 2000.

Foz do Iguaçu tem as suas atividades baseadas no comércio e serviços, na produção de energia, além de possuir um forte comércio na fronteira com o Paraguai e, também, devido ao turismo graças à presença do Parque Nacional do Iguaçu, as Cataratas e Usina de Itaipu. O dinamismo de Toledo advém da atividade agroindustrial, destacando o setor alimentício, calçadista e químico, enquanto Cascavel está vinculada ao setor de comércio e serviços através de uma estrutura dinâmica e diversificada (MOURA; KLEINKE, 1999; ALVES; FERRERA DE LIMA, 2008; COLLA; ALVES; SCHNEIDER, 2012; IPARDES, 2017).

A mesorregião Metropolitana de Curitiba é caracterizada por alto grau de urbanização (como observado na Figura 2), apresenta uma estrutura industrial diversificada e forte setor terciário com grande dinamismo (MOURA; KLEINKE, 1999). Tal atributo pode ser analisado pela superioridade dos Valores Adicionados na indústria (R\$ 8,220 em 2000 e R\$ 11,026 milhões em 2010) e no setor terciário (R\$ 17,280 e R\$ 25,840 milhões, na devida



ordem). A agropecuária tem sua produção destinada ao abastecimento da mesorregião, já que reúne a maior parcela da população estadual (IPARDES, 2004a, ver Figura 1). A mesorregião comporta a cidade de Curitiba, caracterizada como o polo regional, concentrando-se pela centralidade das cidades paranaenses, com diversos encadeamentos de serviços que influenciam municípios ao entorno (IPARDES, 2004a).

Compreende o eixo Curitiba/Ponta Grossa, o qual contém maior parque industrial de beneficiamento de oleaginosas da América Latina, além de um dos segmentos industriais mais modernos como o de metalomecânica e de veículos leves (MOURA; KLEINKE, 1999). Conta também com a presença de diversas empresas, entre elas destacam-se a Eletrolux, Renault e Volkswagen; outros setores compõem atividades industriais mais tecnológicas, como o setor químico. Apenas 6% dos ocupados estão em atividades agropecuárias, o número de envolvidos é expressivo - cerca de 71 mil (IPARDES, 2004a).

Outra região de relevância é o Norte-Central Paranaense, responsável pelo segundo maior Valor Adicionado na agricultura (R\$ 0,831 no ano de 2000 e R\$ 0,964 milhão em 2010) e no setor de serviços (R\$ 7,030 e R\$ 9,564 milhões), e o terceiro maior na indústria (R\$ 2,485 e R\$ 3,220 milhões) – conforme Gráfico 1. Com a presença de uma agropecuária moderna e eficiente, as atividades vinculadas à agroindústria principalmente são destinadas ao mercado externo, agrupando variadas cooperativas como a Cocamar. Entre as indústrias, ressaltam-se a química, têxtil e móvel sendo reconhecido como polo moveleiro do estado (IPARDES, 2004b).

Como afirmam Moura e Kleinke (1999), o Norte-Central possui grande participação no setor de serviços, decorrência de um setor industrial diversificado e maior influência no setor agroindustrial. Nota-se grande concentração de empregos no setor primário, embora tenha reduzido em função do aumento da participação nos setores do comércio e serviços, no período 2000-2005 (ALVES; FERRERA DE LIMA, 2008).

Segundo o IPARDES (2004b) Londrina e Maringá são as cidades polos do Norte-Central integrando diversos municípios na formação de um eixo, concentrando atividades agrícolas, no setor de serviços e indústria. Contêm ainda as duas principais universidades estaduais, Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá (MOURA; KLEINKE, 1999).





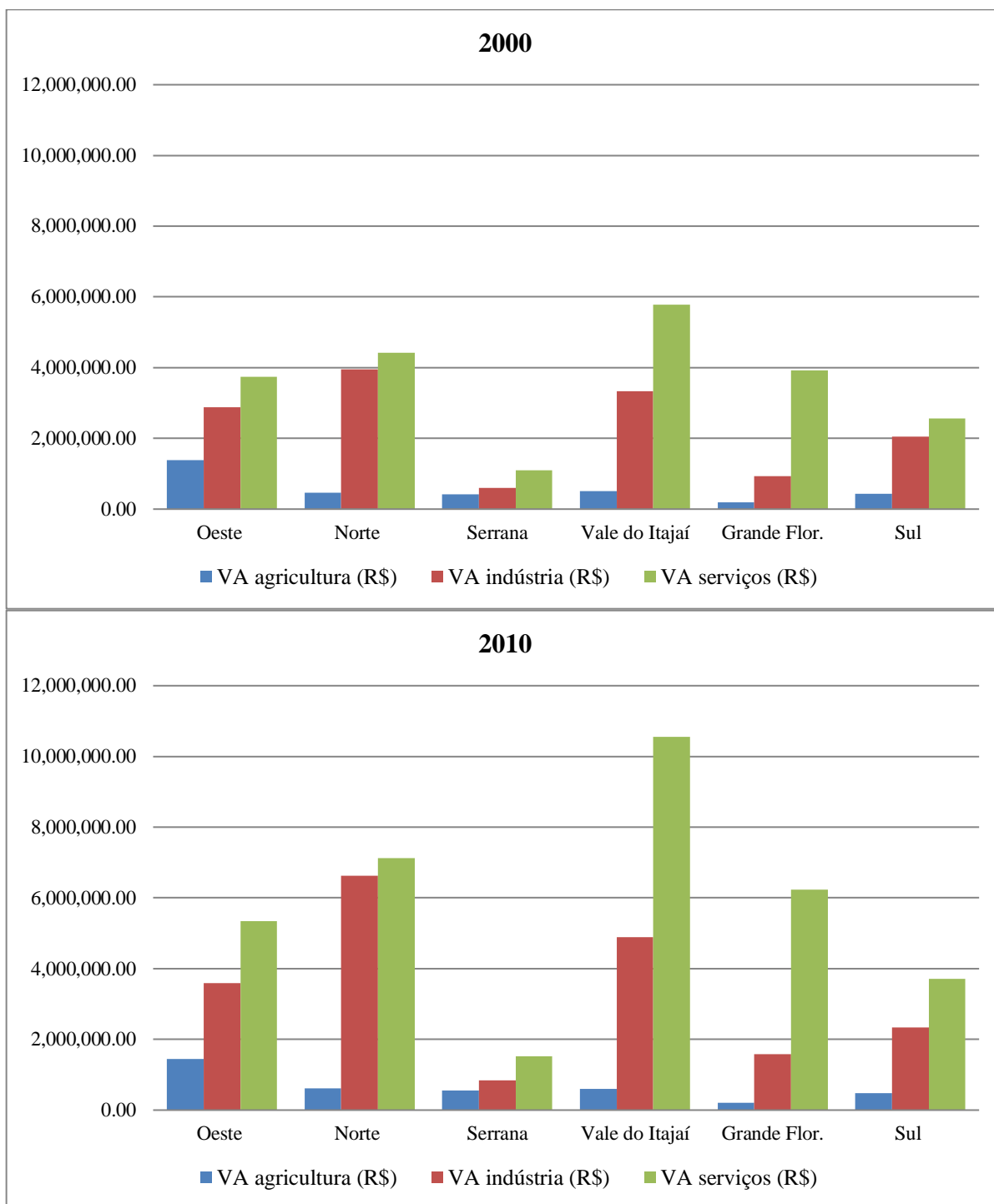
Gráfico 2 – Valor adicionado da agricultura, indústria e serviços das mesorregiões de Santa Catarina (2000-2010)

2019

IX Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Processos, Políticas  
e Transformações  
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Nota: Valor adicionado bruto – preços básicos – preços (R\$) do ano de 2000.

**Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais**

**Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019**

ISSN: 2447-4622



Os valores adicionados dos setores econômicos das mesorregiões Catarinenses estão reunidos no Gráfico 2. Vale do Itajaí possui superioridade no Valor Adicionado do setor de serviços tanto em 2000 quanto em 2010 (R\$ 5,778 milhões e R\$ 10,556 milhões) e corresponde ao segundo maior valor na indústria (R\$ 3,337e R\$ 4,892 milhões)

Souza e Bastos (2011) e Filho (2003) afirmam que o Vale do Itajaí é reconhecido e consolidado como o segundo polo têxtil de todo o Brasil, espalhou-se por toda região e gerou diversas indústrias de roupas, com cerca de 6.850 estabelecimentos, proporcionando 131 mil empregos diretos e indiretos. Empresas como Cremer, Hering, e Diana evidenciam as cidades de Brusque e Blumenau. Na década de 1990, a cidade de Brusque transformou-se em um centro de comércio para as indústrias de vestiário e têxtil (FILHO, 2003).

Além da presença das indústrias em Blumenau e em seu entorno, o setor de serviços atinge posição de importância para o estado, especialmente em Itajaí, reconhecida como uma das principais cidades no segmento (MATTEI; RODOLFO; TEIXEIRA, 2012). Lima (2011) afirma que o setor de serviços alcançou grandes taxas em virtude das exportações de bens de contêineres e carnes, além do setor têxtil presente nas cidades de Blumenau e Brusque, que colaboraram para tal fato. Este desempenho está relacionado à presença do maior porto do estado na cidade de Itajaí, identificado como um dos maiores em movimentação de contêineres no país (MATTEI; RODOLFO; TEIXEIRA, 2012).

A estratégia de diversificação escolhida pela mesorregião proporcionou ênfase às cidades de Jaguará do Sul e Criciúma, que absorveram indústrias do setor de materiais elétricos além de investimentos da WEG e Kohiback (FILHO, 2003). Craice e Pezzo (2015) salientam que as atividades agropecuárias presentes em Alto Vale e atividades tanto portuárias quanto de turismo em Baixo Vale, além das consolidadas atividades turísticas e praças comerciais localizadas nas cidades de Tubarão e Criciúma e ainda, atividades industriais voltadas para a metalurgia, química, vestiário, plástico e cerâmica.

O Norte Catarinense reúne o maior Valor Adicionado no setor secundário (R\$ 3,945 milhões em 2000 e R\$ 6,631 milhões em 2010) e o segundo maior no setor de serviços (R\$4,417 e R\$ 7,132 milhões, respectivamente) – Gráfico 2. É a segunda mesorregião mais influente de Santa Catarina, segundo Mattei, Rodolfo e Teixeira (2012) e Lima (2011) o



crescimento do setor industrial nesta região ocorreu em consequência das indústrias de metalurgia, materiais de transporte e têxtil.

Com indústria de metalomecânica influente principalmente em Joinville e Jaraguá do Sul, suas atividades permeiam desde a fabricação de equipamentos e máquinas, materiais elétricos, produtos de metal, etc. Apenas este ramo industrial contrata cerca de 86 mil trabalhadores, correspondendo a 28% das exportações do estado. O setor industrial originou importantes e tradicionais grupos de empresas, como Tupy, Tigre e Malwee (SOUZA; BASTOS, 2011).

Craice e Pezzo (2015), Mattei, Teixeira e Rodolfo (2012) e Souza e Bastos (2011) evidenciam o setor moveleiro representativo em São Bento e Rio Negrinho, contudo o setor agropecuário é menos intenso. Os autores citam Joinville particularmente, situado na faixa litorânea, cidade que agrega polo industrial diversificado e contém setor de serviços influente. Além disso, o porto de São Francisco do Sul ficou em evidência, por causa das exportações de grão e da silvicultura associada às indústrias agropecuária (papel, celulose e madeira).

No tocante as mesorregiões do Rio Grande do Sul, os valores adicionados dos setores estão agregados no Gráfico 3. Nota-se a predominância da mesorregião Metropolitana de Porto Alegre no setor industrial tanto em 2000 (R\$ 11,980 milhões) quanto em 2010 (R\$ 14,727 milhões) e no de serviços (R\$ 23,820 e R\$ 31,149 milhões), os maiores de todo estado.

A mesorregião contém o processo de aglomeração mais dinâmico da região Sul do país, além de um parque industrial expressivamente diversificado e setor de serviços especificado. A economia baseia-se no setor industrial, sendo as mais consideráveis as indústrias de alimentos, calçados, petroquímica, etc. O setor primário converge também para a produção de suínos, equinos e aves para corte, além do fumo. Os desenvolvimentos de algumas cidades ocorreram em razão das áreas navegáveis, como os Rios Jacuí, Gravataí, Sinos e Caí.

O centro principal é Porto Alegre, desempenhando influência em toda área urbana. Outras cidades que merecem destaque como: São Leopoldo, que possui uma das principais universidades, Novo Hamburgo relevante no setor calçadista, Caxias do Sul considerada o



segundo centro em importância no complexo industrial, e Santa Cruz do Sul reconhecida como polo exportador de fumo do estado do Rio Grande do Sul (MOURA; KLEINKE, 1999).

Alves e Ferrera de Lima (2008) observam que como a população estadual, a oferta de emprego formal está acumulada na região Metropolitana de Porto Alegre, apesar da pequena redução na participação relativa sofrida na oferta de mão de obra entre 2000 e 2005 (de 56% para 54%), esta queda foi balanceada pelo aumento da oferta em outras mesorregiões. A concentração de trabalhadores pode ser explicada pela forte presença do setor terciário, o qual demanda mão de obra em grande quantidade, acomodando-se onde existe maior concentração da população (MORAES, 2013). A região possui alta participação relativa na oferta de empregos formais, exceto no setor primário, sendo que o setor de serviços é responsável por aproximadamente 60% do estado.

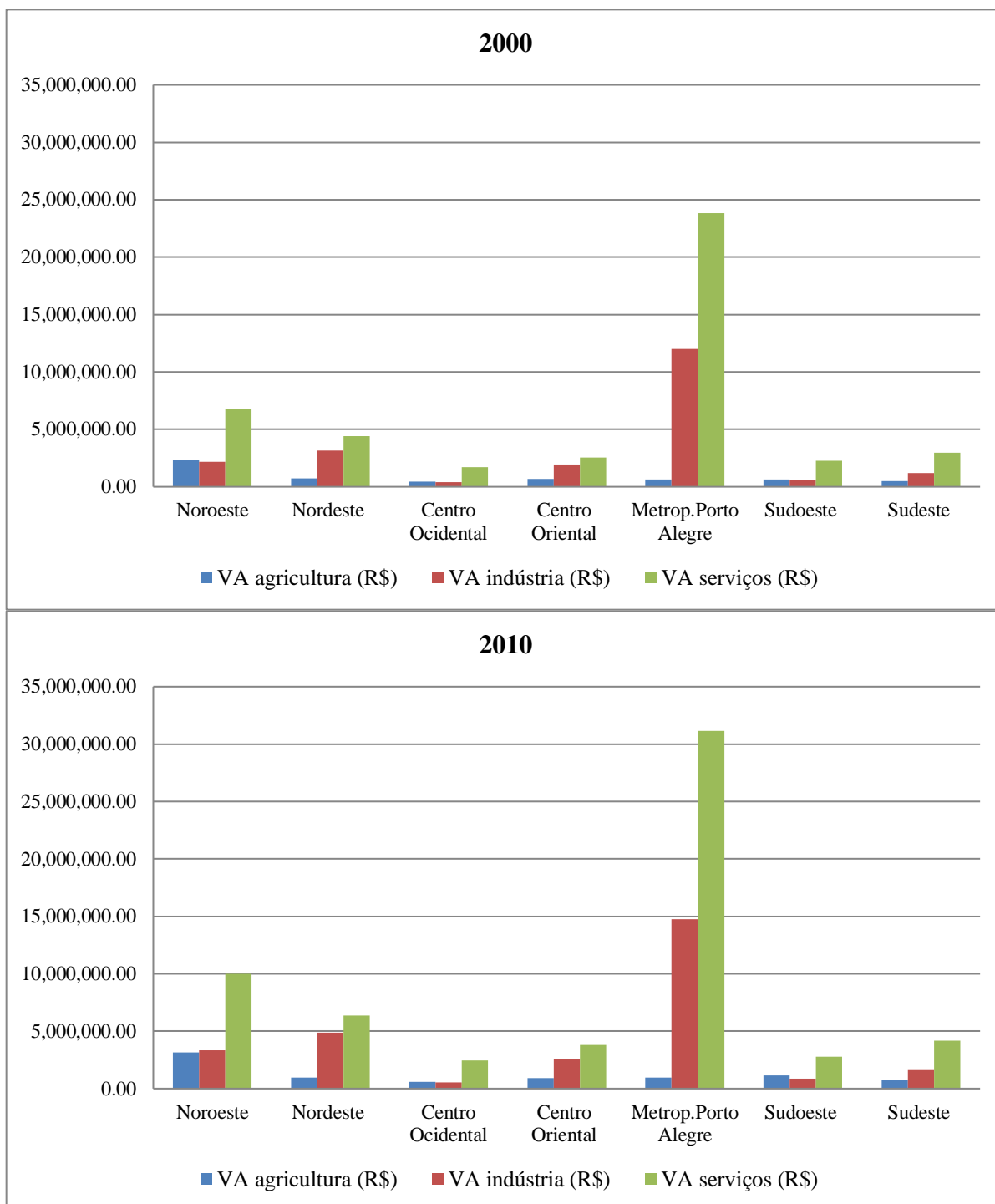
Gráfico 3 – Valor adicionado da agricultura, indústria e serviços das mesorregiões do Rio Grande do Sul (2000-2010)

2019

IX Seminário Internacional sobre  
**Desenvolvimento regional**

Processos, Políticas  
e Transformações  
Territoriais

Local: Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil  
Dias: 11, 12 e 13 de setembro de 2019  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Universidade de Santa Cruz do Sul



Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Nota: Valor adicionado bruto – preços básicos – preços (R\$) do ano de 2000.

**Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais**

**Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019**

ISSN: 2447-4622



Com relação ao Noroeste Rio-Grandense (Gráfico 3), observa-se o valor adicionado mais alto na agricultura (R\$ 2,364 milhões no ano de 2000 e R\$ 3,142 milhões em 2010), segundo maior no setor de serviços (R\$ 6,735 e R\$ 10,015 milhões, respectivamente) e o terceiro na indústria (R\$ 2,161 e R\$ 3,326 milhões, na devida ordem). Reconhecida como a segunda região mais importante do estado, Xavier Sobrinho, Pessoa e Sternberg (2014) afirmam que possuía em 2010, 18% do valor agregado bruto (VAB) do Rio Grande do Sul, além da proporção maior da população que reside em áreas rurais (cerca de 35% no estado). A produção agrícola é desenvolvida em pequenas e médias propriedades baseadas em cultivo de trigo, milho e soja, além da criação de aves e suínos. Moraes (2013) menciona a importância do setor de suínos e aves, o qual foi estimulado pelo mercado de carnes, proporcionando elevado crescimento da agropecuária na região.

Além disso, o Noroeste é um dos maiores produtores de leite do estado. A produção leiteira contribui para fomentar a economia local, além de auxiliar as demais atividades. A região comporta 58% do rebanho – média entre os anos de 2008 e 2010 – e 65% da produção de leite (SCHUMACHER; MARION FILHO, 2013).

O setor industrial é estruturado por atividades correlacionadas ao setor primário, evidenciando a indústria associada à produção de bebidas e alimentos (MORAES, 2013). Em relação às municipalidades, a cidade de Passo Fundo se destaca como uma das mais populosas da mesorregião (mais de 180 mil habitantes), além de reunir nove instituições de ensino superior, sendo uma delas reconhecida nacionalmente, a Universidade de Passo Fundo (UPF).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi analisar a dinâmica econômica das mesorregiões do Sul do Brasil composta pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seguindo a subdivisão em mesorregiões conforme a definição estabelecida pelo IBGE. É perceptível a diversidade das potencialidades e a heterogeneidade entre os estados ou mesmo entre suas mesorregiões.



Ao analisar os valores do PIB nas mesorregiões dos estados observou-se um aumento do mesmo no intervalo dos anos 2000 a 2010, com exceção de duas mesorregiões paranaenses que não apresentaram a mesma evolução. Na exposição dos dados também constatou-se uma ampla região de alto PIB que engloba as regiões metropolitana conectada pela região de interior dos três estados.

Os dados ainda mostraram uma relação positiva do aumento da taxa de urbanização e aumento da renda. As mesorregiões metropolitanas de Curitiba e Porto Alegre concentraram a maior taxa de urbanização e também de empregos formais, em Santa Catarina observou-se uma diferenciação onde a Mesorregião do Vale do Itajaí apresenta maior número de empregos formais e também uma população maior que a região metropolitana de Florianópolis. No estado do Paraná observou-se uma redução de urbanização e população no centro geográfico. No Rio Grande do Sul o Nordeste Rio-Grandense teve aumento na população total, todavia, uma redução na taxa de urbanização.

Analisando-se a dinâmica das mesorregiões observou-se que algumas são mais dinâmicas quando comparadas a outras, como exemplo as regiões metropolitanas de Curitiba e Porto Alegre, em contraste com as mesorregiões do Centro Paranaense, Sudoeste Rio-Grandense e Sudeste Rio-Grandense, as quais se apresentam mais estagnadas, evidenciando assim que o processo de desenvolvimento é desigual entre as mesorregiões e também estados. Santa Catarina foi o estado que teve características de maior homogeneidade entre suas mesorregiões no decorrer do período analisado.

Para evidenciar a dinâmica sócio produtiva das mesorregiões a análise sustentou-se no Valor Adicionado dos três setores econômicos, agricultura, indústria e serviços, e seu comportamento ou evolução no período de 2000 a 2010. Primeiramente os dados mostraram que não houve grandes alterações entre as mesorregiões no período, assim as mesorregiões que já tinham uma dinâmica maior nos anos 2000 as mantiveram em 2010. Ao detalharem-se em estados as mesorregiões que se destacaram no Paraná como mais dinâmicas foram: Metropolitana de Curitiba, Oeste Paranaense e Norte Central Paranaense, no Rio Grande do Sul as mesorregiões Metropolitana de Porto Alegre, Noroeste Rio-Grandense e Noroeste Rio-Grandense, e no estado de Santa Catarina Vale do Itajaí, Norte Catarinense e Oeste Catarinense.





Quando analisadas as atividades mais representativas das mesorregiões dinâmicas foram identificadas algumas similaridade entre elas, a exemplo das regiões metropolitanas com maior ênfase nos complexos industriais e serviços que também são verificados nas mesorregiões do Vale do Itajaí e Norte Catarinense. A mesorregião do Vale do Itajaí também se aproxima da estrutura produtiva da mesorregião Norte Central Paranaense, uma vez que ambas tem especialização na indústria têxtil. Por fim, as mesorregiões Oeste Paranaense, Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense apresentam uma dinâmica comum em relação à produção agrícola e, fundamentalmente, em relação ao processamento e agregação de valor via agroindústrias concentrando nessas as principais, cooperativas e empresas do segmento.

## 6 REFERÊNCIAS

ALVES, Y. B.; FERRERA DE LIMA, J. A distribuição regional do emprego formal no sul do Brasil. **Textos de Economia**, v. 11, n. 2, p. 47-70, 2008.

ALVES, L. A. Região, urbanização e polarização. In: PIACENTI, C.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P. H. **Economia & Desenvolvimento Regional**. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, p. 41-52, 2016.

BEGNINI, S.; ALMEIDA, L. E. D. F.. Grau de desenvolvimento regional dos municípios da mesorregião oeste catarinense: caracterização e classificação. **Interações** (Campo Grande), v. 17, n. 4, p. 547-560, 2016.

COLLA, C.; ALVES, L. R.; SCHNEIDER, R. A. A polarização e hierarquia das cidades na Mesorregião Oeste paranaense: uma análise do período de 1991 a 2010. **I Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade**. Rio de Janeiro: SEDRES, ago, 2012.

CRAICE, C.; PEZZO, T. A dinâmica demográfica de Santa Catarina no período pós-1991. **Revista NECAT**, Florianópolis, v. 4, n. 7, p. 38-54, 2015. Disponível em: <<http://stat.intraducoes.incubadora.ufsc.br/index.php/necat/article/view/3625>>. Acesso em: 25 out. 2018.

FILHO, A. G. "Formação econômica de Santa Catarina". In: **Congresso da ABPHE**, 2003. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/congresso2003-TextosAbphe/2003/52>>. Acesso em 26 de outubro de 2018.

GOTARDO, D. M. **Polos e áreas de influência: uma proposta de regionalização econômica para o estado do Paraná**. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em



Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2015.

HADDAD, P. Capitais intangíveis e desenvolvimento regional. **Revista de Economia**, vol.3, n.03, p.119-146, 2009.

HIRSCHMAN, A. **Estrategia del desarrollo económico**. México: FCE, 1961.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**: notas metodológicas. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Leituras regionais**: mesorregião geográfica Metropolitana de Curitiba. Curitiba: IPARDES, 2004a.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Leituras regionais**: mesorregião geográfica Norte Central Paranaense. Curitiba: IPARDES, 2004b.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Leituras regionais**: mesorregião geográfica Oeste Paranaense. Curitiba: IPARDES, 2004c.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Os vários Paranás**: as espacialidades socioeconômico-institucionais no período 2003-2015. Curitiba: IPARDES, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Ipeadata**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>> . Acesso em: 25 out. 2018.

LIMA, F. R. F. Evolução do Produto Interno Bruto das mesorregiões da Região Sul no período 1999-2007. **Caderno IPARDES-Estudos e Pesquisas**, v. 1, n. 1, p. 47-65, 2011.

MATTEI, L. F.; RODOLFO, F.; TEIXEIRA, F. Economia Catarinense: crescimento com desigualdades regionais. **Revista NECAT**, v. 1, n. 1, p. 8-14, 2012.

MORAES, S. L. **A relação entre interação setorial e o desempenho econômico das mesorregiões gaúchas nos anos 2000**. 81 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOURA, R.; KLEINKE, M. L. Espacialidade de concentração na rede urbana da Região Sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, nº95, p. 03-25, 1999.



MTE, Ministério do Trabalho e Emprego- Dados e Estatísticas: Relação Anual de Informações Sociais – RAIS. Disponível em: <<http://www3.mte.gov.br/rais/default.asp>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

NIEDERLE, S. L.; GUILARDI, L. **Aspectos gerais do desenvolvimento socioeconômico nas regiões de Santa Catarina**. PPGG e NECAT/UFSC. 2013. Disponível: <http://necat.ufsc.br/files/2011/10/Sidnei-2013.pdf>. Acesso em 21.out.2018.

PERROUX, F. O conceito de polos de crescimento. In: J. SCWARTZMANN (Org.) **Economia regional e urbana: textos escolhidos**. Belo Horizonte: UFMG. 480p, 1977.

RAMMÉ, J. Desenvolvimento municipal: análise populacional da Mesorregião do Oeste Catarinense. **Revista Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p.242-262, jul./dez. 2011.

SCHUMACHER, G.; MARION FILHO, P. J. A expansão da pecuária no Rio Grande do Sul e o transbordamento na produção de leite (2000 – 2010). **Gestão & Regionalidade**, v. 29, n. 87, 2013.

SOUZA, J.J.; BASTOS, M.N. A formação socioespacial do Estado de Santa Catarina, Brasil. **Revista Geográfica Am Central**, 2011:1-14. Disponível em: <<http://revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/3172>>. Acesso em: 25 out. 2018.

WILLERS, E. Estratégia de desenvolvimento econômico: do regional ao local. In: PIACENTI, C.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P. H. **Economia & Desenvolvimento Regional**. Foz do Iguaçu: Editora Parque Itaipu, p. 142-165, 2016.

XAVIER SOBRINHO, G. G. de F.; PESSOA, M. L.; STERNBERG, S. S. W. O mercado de trabalho gaúcho: exercícios de regionalização com base nos últimos Censos Demográficos. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 109-120, 2014.